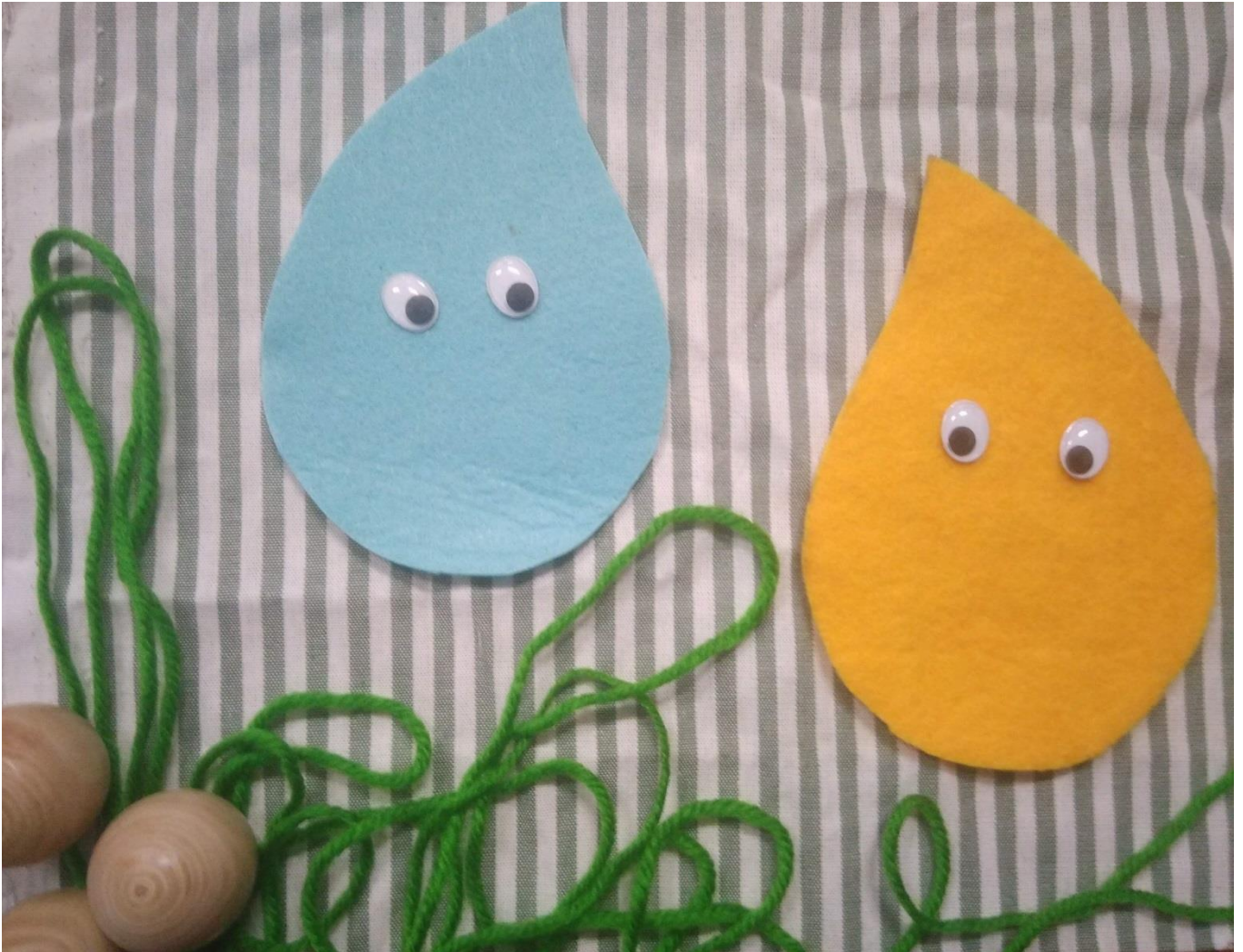


Uma gota de água, uma gota de óleo



Trabalho realizado pelos alunos do 4.º ano, do Colégio Bissaya Barreto, Bencanta – Coimbra

Ano letivo 2018/2019

Uma gota de água, uma gota de óleo

No petroleiro A43, o chef *Alfredo Bartolomeu de Lulas e Mexilhão* acabara de fritar rissóis, coxinhas de frango e pastéis de bacalhau para o almoço da tripulação, quando decidiu atirar o óleo usado ao mar. Este começou a espalhar-se rapidamente, colorindo de amarelo torrado o mar do Norte, impregnando as gaivotas, os peixes e todas as gotas límpidas de água que nele se encontravam.

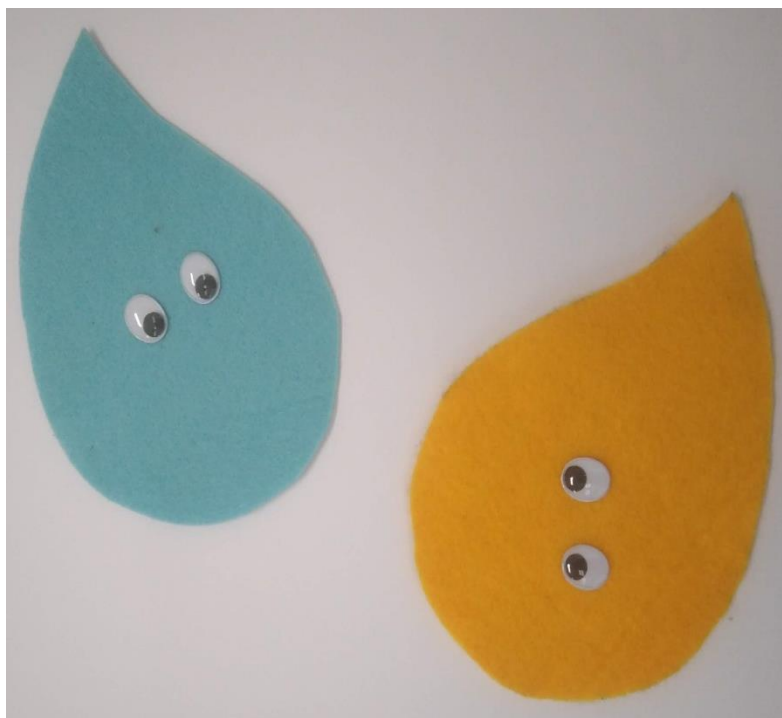


- Credo, de onde surgiu isto? – gritou a Marina, uma pequena gotinha de água apanhada pelo óleo. – Larga-me! Que coisa viscosa é esta?



Enquanto lutava por se desprender daquela substância repugnante e de um cheiro pestilento, sentiu-se puxada por algo gorduroso, acabando por perder os sentidos.

Algum tempo depois, Marina abriu os olhos. Encontrava-se num local tranquilo e limpo, no entanto, não estava sozinha. Ao seu lado encontrava-se aquilo que lhe pareceu ser uma gota, mas diferente das suas amigas. Esta era amarelo escuro, tão escuro como um caramelo em mau estado.



- Olá! – disse a gota escura. – Não tenhas medo, não te quero fazer mal!

- Quem és tu? – exigiu saber a gotinha de água Marina.

- Sou uma gota de óleo saída da frigideira do Bartolomeu Mexilhão, chef do navio A43. – esclareceu. - No entanto, o meu objetivo não é poluir o oceano.

- Mas as tuas amigas estavam a tentar agarrar-me com força e riam, enquanto se alastravam pelo mar e destruíam tudo e todos à sua passagem... E isso não me parece uma boa atitude, logo tu também não deves ser uma boa influência!...

- Isso não é verdade! – disse a gotinha de óleo. – Eu só te queria ajudar a sobreviver às minhas irmãs gotas de óleo, que querem dominar o oceano.

- Ui! E tu és amarela como elas! Logo, também me vais fazer mal! – assustou-se a Marina.

- Vamos esclarecer uma coisa: eu sou a única da minha família que não quero poluir o mar, daí te ter ajudado a sair daquele lugar horrível e pestilento. Entendes?

- Tu só podes estar a mentir! – repostou a gotinha de água. - Por que razão hei de acreditar em ti? Tens de me provar que és de confiança.



- Queres maior prova de confiança do que te ter salvo?! – perguntou a gota de óleo.

- E não há mais ninguém na tua família a pensar assim?... – Inquiriu a Marina.

- Infelizmente não... - afirmou, tristemente, a gotinha de óleo.

- Muito bem, assim sendo, tens a minha confiança. – respondeu a Marina. – Mas já agora, como te chamas? Espinhas de Bacalhau? – brincou a gotinha Marina, para aliviar a tensão do momento.

A gotinha de óleo não conteve o riso e acabou por responder:

- Olívia Vegê.

- Olívia é um lindo nome. – disse pachorrentamente um atum, já idoso, que por ali passava.

- A minha falecida avozinha chamava-se Olívia. E sabem porquê? Em



homenagem à celebérrima Olívia Palito.

- Quem é essa? – perguntou a Olívia.

- É a mulher do Popey. – respondeu o Sr. Atum.

E começou a cantarolar, a plenos pulmões “I’m Popey the sailor man. Pu, puuuuu....

- PRONTO!! Já se percebeu! – interromperam as gotas em coro, com os ouvidos a latejar.

Recompondo-se, o Sr. Atum perguntou:

- Então e que fazem duas gotas, tão diferentes a conversar? De que falais?

- Ai Sr. Atum, nem lhe conto! – respondeu a gotinha de água Marina. – Foi uma tragédia!

- Pois foi! – concordou a gotinha de óleo Olívia, cabisbaixa.

- Sou todo ouvidos, minhas amigas. Tenho todo o tempo do mundo para saber que tragédia foi essa. – Disponibilizou-se o atum.

Após uma longa conversa, o Sr. Atum ficou a par dos últimos acontecimentos no mar do Norte. E, sobressaltando-se, exclamou:

- ALTO LÁ!! Se esse individuo a quem chamam “cozinheiro chef” atirou para o mar esta coisa amarela, perigosa, pestilenta, repugnante e... e...

- Viscosa?

- ISSO!! Isso tudo, se essa coisa se está a alastrar... VAI CHEGAR AQUI!! – depreendeu sabiamente o atum. – Temos de agir, de dar às barbatanas e informar o Grandioso-dos-Mares!

- Quem é esse? – quis saber a Olívia.

- Por ventura, não sabeis que o Grandioso Senhor dos Mares é Neptuno-Elétrico, a Enguia?!



- O quê? – disseram, em coro, as duas gotinhas. – *O Grandioso, O Majestoso, O Supremo, O Maior, O Grande, O Poderoso* é, na verdade uma enguia?!

E as duas gotinhas não conseguiram conter mais o riso e desataram numa gargalhada pegada.

- Já não vos ajudo! – resmungou o Sr. Atum, visivelmente ofendido e amuado, virando-lhe as barbatanas traseiras.

- Desculpe... só não esperávamos que um nome tão pomposo desses fosse uma enguia, um ser tão pequeno, só isso!... – Balbuciou a Marina.

- Vá lá Sr. Atum. Desculpe-nos, foi uma brincadeira infeliz, mas sem maldade. – disse a Olívia.

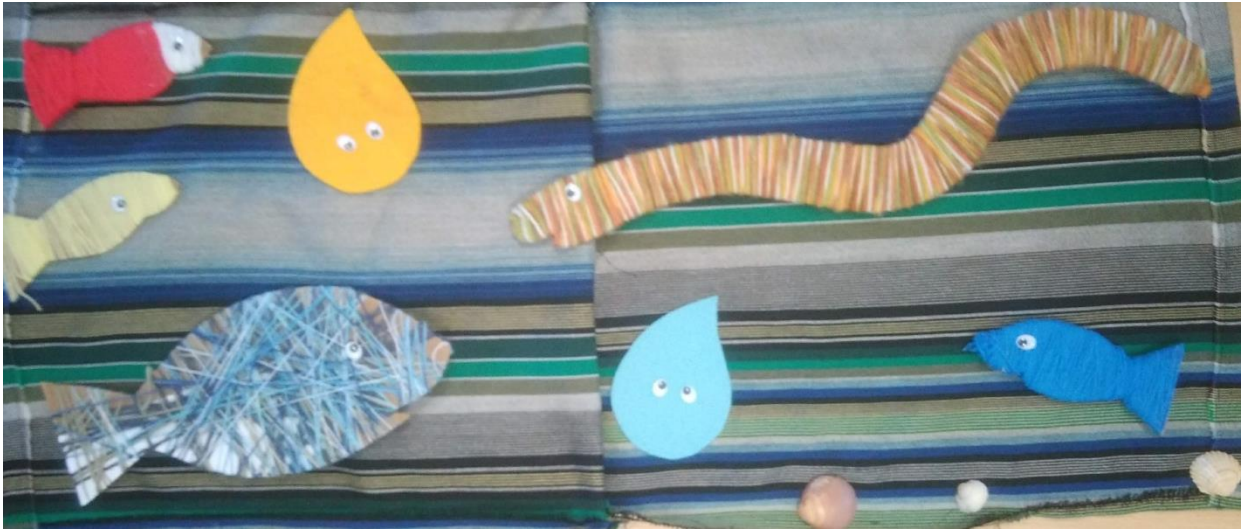
- Assim sendo, toca a nadar! Não há tempo a perder! TROVÕES DOS MAAAARES!! – gritou freneticamente o Sr. Atum, lembrando os tempos em que fazia parte da guarda real do Grandioso Senhor dos Mares. Mas isso é um assunto secreto, que preferia continuar a guardar só para si...

Passado algum tempo, chegaram ao *Palácio do Ice* e pediram ao guarda de serviço que chamasse *O Grandioso*.

- Atum! És tu meu velho e bom amigo, companheiro e conterrâneo? – Perguntou, alegremente, a enguia.



- Olá Todo Poderoso, meu respeitável Rei! – respondeu o Sr. Atum.



- O que te traz por cá? Vejo que vens acompanhado. – Inquiriu a enguia.

- Meu respeitável Amigo, venho expor-te uma situação deveras preocupante... As minhas amigas gotinhas puseram-me a par de uma terrível e alarmante situação ocorrida esta manhã à superfície do Mar do Norte, nas proximidades do Porto de Hamburgo.

- Situação alarmante e preocupante?! Do que se trata?

A gota Olívia sugeriu, então, que fossem observar a situação ao vivo e a cores, para, em conjunto, poderem obter uma solução.

- Mas tenham cuidado! – Alertou a gotinha Marina. – Aquela substância é altamente viscosa.

- Tratando-se de óleo, fica à superfície do mar. Isto, porque o óleo é menos denso do que a água. – Explicou a Olívia. - O óleo posiciona-se sobre a água, formando uma película capaz de

causar problemas ambientais graves. A camada de óleo sobre a água prejudica a entrada de luz e de oxigénio, comprometendo o ecossistema aquático.

- É caso que para dizer que estamos fritos! – gritou desesperado o Sr. Atum.

- Muito bem, então observemos, com a máxima cautela, por baixo! – disse Neptuno.

Após uma análise cuidada e cautelosa, a enguia acabou por decidir:

- Para situações catastróficas, soluções radicais... Guardas! Chamem o PapÓleo!



- Que nome tão estranho, não soa nada bem... - sussurraram as gotinhas em coro.

Nas proximidades do *Palácio do Ice*, numa gruta secreta, vigiada por guardas reais, habitava, tranquilamente PapÓleo, um ser marinho único em todo o planeta Terra. Este era cinzento, tinha corpo de



baleia, quatro barbatanas laterais de foca, cauda de tubarão, olhos de tartaruga, orelhas de coelho e tromba de elefante.

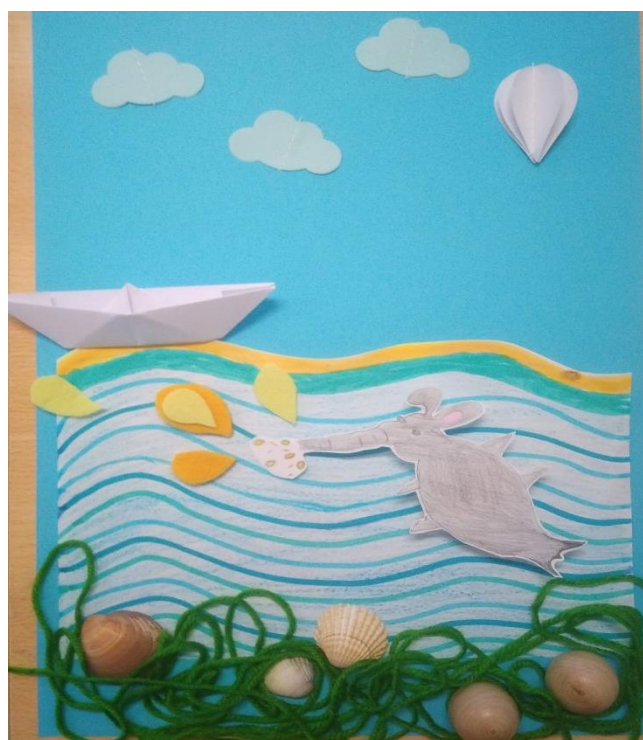
Há cerca de vinte anos, PapÓleo, até então uma criatura



marinha desconhecida, foi o responsável pela limpeza do Oceano Índico, aquando de um gravíssimo derramamento de petróleo que vitimou muitas espécies animais. Só nesta altura é que foi avistado e reconhecido como espécie ancestral, protegida e heroica. No entanto, após esta catástrofe e atendendo à

sua timidez e capacidade de se alimentar da poluição do mar, permaneceu protegido numa gruta, com todas as mordomias reais à sua disposição.

Neste momento, voltaria a ser necessária a sua ajuda na limpeza do óleo alimentar lançado ao mar pelo chef *Alfredo Bartolomeu*. Ao ser-lhe reportada toda a situação que implicava a sua extraordinária ajuda, PapÓleo não hesitou em nadar rumo à mancha de óleo. Num ápice, com a sua longa tromba, começou a



sugar incessantemente todo o óleo até ficar com o corpo totalmente laranja.

Terminada esta árdua tarefa de limpeza, foi tempo de regressar à sua gruta, onde durante semanas iria digerir todo o óleo sugado. Este processo seria um pouco doloroso para ele, no entanto, PapÓleo tudo fazia para ajudar a humanidade.

Mais uma vez, PapÓleo, um herói reservado, salvou o dia e deu uma grande lição de gentileza a todos. Afinal de contas, em cada cantinho do planeta existe um herói que, mesmo desconhecido, ajuda o mundo sem interesse.

Graças a este ser mítico, foi possível dar início à reciclagem de óleos alimentares usados através da instalação de oleões.

